

Concepções de Educação Ambiental de discentes de um programa de pós-graduação: uma análise a partir das macrotendências político-pedagógicas

RESUMO

Marllon Moreti de Souza Rosa

marllonmoretti6@gmail.com

orcid.org/0000-0002-1008-8013

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Londrina, Paraná, Brasil

Eloisa Antunes Maciel

eloisabiologicas@gmail.com

orcid.org/0000-0002-9836-8211

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Londrina, Paraná, Brasil

Mariana Aparecida Bologna Soares de Andrade

marianabologna@gmail.com

orcid.org/0000-0002-1945-4606

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Londrina, Paraná, Brasil

Esta pesquisa investigou as compreensões de Educação Ambiental de um grupo de discentes de um Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental de uma Universidade Federal de Minas Gerais, em uma aproximação com as Macrotendências de Educação Ambiental. Os participantes responderam a um questionário virtual envolvendo quatro questões sobre as concepções de Educação Ambiental. Ao todo, obtivemos a resposta de 12 participantes. A partir de uma análise de conteúdo identificamos que os participantes possuem uma formação inicial muito heterogênea. Apesar das diferentes áreas de formação, todos os participantes destacaram a importância da inserção da Educação Ambiental em seus processos formativos, destacando que as compreensões de Educação Ambiental se iniciaram durante a formação inicial, no próprio curso de mestrado e na atuação docente de alguns dos participantes da pesquisa. Após a análise, percebemos que as concepções conservadoras ainda são hegemônicas, embora seja visível um processo em andamento de busca por elementos que superem o ecologismo, funcionalismo e naturalismo. Essas buscas ainda se pautam no paradigma individualista, o que reforça o conservadorismo quando se debate a questão ambiental, contudo, vislumbramos transformações substanciais em um futuro próximo. Para isso, consideramos importante a inserção crítica da Educação Ambiental no processo formativo, tanto na formação de professores como na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Compreensões. Ambiente. Educação Ambiental. Formação.

INTRODUÇÃO

A dimensão ambiental da educação envolve um conjunto de sujeitos da sociedade, perpassando a escola e a universidade, sendo instituições capazes de potencializar o engajamento dos diversos sistemas de conhecimento para a capacitação de profissionais e de toda a comunidade escolar (TRISTÃO, 2004).

Em sociedades capitalistas, principalmente em organizações da periferia do mundo, como é o caso do Brasil, a questão ambiental enquanto problema exige uma análise ainda mais radical, uma vez que essas civilizações estão pautadas, principalmente, na superexploração dos recursos naturais e exportação desses recursos para os núcleos geopolíticos centrais. Dessa maneira, um olhar crítico para as concepções ambientais dos sujeitos envolvidos nessa problemática é mais que importante, é imperioso.

A Educação Ambiental (EA) surgiu em um terreno marcado por uma tradição naturalista, não sendo relacionada às questões da economia política. A afirmação de uma concepção socioambiental exige a superação da dicotomia natureza-sociedade (CARVALHO, 2012). Nesse sentido, entendendo a educação como reflexo determinado das relações político-econômicas, e essas relações fundamentadas na fragmentação capitalista da existência, as concepções hegemônicas de EA legitimam o modo de produção vigente, sendo pautadas em ações individualistas e conservadoras. Portanto, é necessário um movimento para uma compreensão mais ampla e profunda dos processos formativos que produzem essas sínteses.

Compreendendo a escola como a principal instituição onde os trabalhadores podem ter contato com o conhecimento formal em suas diversas instâncias (SAVIANI, 2018), compreender as concepções de EA de docentes e futuros docentes da educação básica a partir de uma perspectiva histórico-crítica é um caminho teórico-metodológico importante para a construção de instrumentos capazes de superar a dicotomia homem-natureza.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar concepções de EA de professores pós-graduandos em Educação Ambiental de uma Universidade Federal no Estado de Minas Gerais a partir das Macrotendências da Educação Ambiental. Assim, antes de apresentarmos a análise propriamente, apresentamos, brevemente, as Macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental, organizadas por Layrargues e Lima (2014).

AS MACROTENDÊNCIAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental assume um papel de articulação entre múltiplos saberes, ampliando nossa concepção sobre o ambiente, captando uma multiplicidade de sentidos atribuídos por grupos sociais. Visando organizar esse campo de análise e fornecer um aparato teórico-metodológico para as investigações em EA, Layrargues e Lima (2014) organizam as concepções de EA em três grandes Macrotendências: Conservacionista, Pragmática e Crítica. Essas Macrotendências possuem o desenvolvimento histórico como critério.

A Macrotendência Conservacionista começa a se estruturar no início das discussões sobre a crise ambiental a partir de década de 1970, sendo associada a ações individuais e comportamentalistas, não questionando as estruturas sociais,

culturais e políticas relacionadas ao ambiente e ao campo educacional (LAYRARGUES; LIMA, 2014). É importante reconhecer que embora esta concepção seja limitada do ponto de vista praxiológico, ela se configura como um ponto de inflexão e traz o debate ambiental à mesa. Nesse sentido, essa concepção é importante, pois permitiu a superação dialética a partir da história e o consequente desenvolvimento do debate sobre o tema.

Assim, essa Macrotendência surge no seio do bloco geopolítico e econômico capitalista, ideologicamente liberalista – posteriormente, neoliberal –, dando primazia ao indivíduo (LAYRARGUES, 2006). Por isso, é visível a reunião de um conjunto de práticas voltadas para a afetividade estabelecida entre homem e natureza, culpabilizando moralmente – sem uma análise científica – o *homem* pela crise ambiental (FOSSALUZA *et al.*, 2021). Se o eixo analítico está na moral, a solução prevalece sem questionamentos político-econômicos e se pauta nas mudanças comportamentais e em um funcionalismo ecológico.

A Macrotendência Pragmática surge por volta da década de 1980, acompanhando a movimentação internacional pela solução dos problemas ambientais locais através da educação (LAYRARGUES; LIMA, 2014). Esta tendência se preocupa menos com as causas da crise ambiental, do ponto de vista moral, e mais com ações práticas de solução. Entretanto, ainda conserva a primazia do indivíduo, e traz discursos de que “se cada um fizer sua parte, juntar seu lixo, economizar sua água, o mundo poderá ser salvo”. É perceptível que tanto a macrotendência conservacionista quanto a pragmática são conservadoras; em última instância, apenas mudam o foco de ação, mas partem do mesmo eixo axiológico. Surge como pauta, na tendência pragmática, a questão do consumo sustentável, mas uma sustentabilidade puramente individualista (FOSSALUZA *et al.*, 2021).

No contexto brasileiro, uma nação submissa aos interesses do bloco capitalista, a EA pragmática surge a partir da fusão das perspectivas educacionais aos discursos do neoliberalismo, que passam a ser a superestrutura legitimadora do capitalismo tardio. Assim, a educação ambiental reforça o afastamento de uma estrutura social e econômica das causas da crise ambiental, utilizando do papel político da escola para despolitizar a população (MIGUEL, 2021).

A macrotendência Crítica surge da necessidade de oposição radical e real das tendências anteriores – que são idealistas –, articulando referenciais populares, emancipatórios, revolucionários, transformadores e preocupados com uma organização política no processo de gestão ambiental (LAYRARGUES, LIMA, 2014). Assim, os fundamentos teórico-metodológicos se encontram, em grande parte, na teoria marxista e, no contexto brasileiro, no marxismo-leninismo, que tem como base a organização política para a solução de todo e qualquer problema estrutural, sendo estes os fundamentos ontológicos da EA crítica (LOUREIRO; SILVA NETO, 2016).

Nesse sentido, a Macrotendência Crítica se preocupa com o desvelamento dos mecanismos de dominação do homem sobre o homem e do homem sobre a natureza, a partir dos processos de acumulação de capital. A Macrotendência Crítica vai apresentar diferentes perspectivas teóricas, embora nasçam de uma mesma linhagem teórica; além disso, convergem na denúncia das outras Macrotendências como conservadoras e na politização do debate ambiental,

ressaltando as contradições do modo de produção vigente (LOUREIRO; SILVA NETO, 2016).

Tendo a compreensão de como se estruturam as Macrotendências Políticas-pedagógicas de EA, iniciamos o processo metodológico desta pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório (LUDKE; ANDRÉ, 1986), pretende analisar as concepções de EA de professores matriculados em um Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, realizando uma *aproximação* das afirmações dos participantes com as macrotendências político-pedagógicas.

Assim, foi construído um questionário aberto (GIL, 1991), instrumento adequado para pesquisas de caráter exploratório. Abaixo, apresentamos o questionário:

Quadro 1 - Questionário utilizado na pesquisa.

1. Como você compreende a Educação Ambiental?
2. Você considera que essa compreensão de Educação Ambiental foi construída por meio de qual aspecto em sua formação?
3. Você teve contato com a Educação Ambiental em sua formação inicial?
4. De que modo você entende que a Educação Ambiental deveria ser abordada na formação inicial de estudantes e professores?

Fonte: autoria própria (2023).

Ao todo, obtivemos a resposta de 12 participantes, todos membros de um Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental de um Programa de Pós-Graduação *Strictu sensu* de uma Universidade Federal do estado de Minas Gerais, Brasil. A formação inicial dos participantes é diversa, abarcando graduação na habilitação de Licenciatura em Educação Ambiental, Pedagogia, Ciências Biológicas, Filosofia, Matemática e Artes Visuais; além de habilitação Bacharelado em Geografia, Direito e Administração.

Para análise das respostas, adotamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), organizando os dados referentes à pergunta 4 (de que modo você entende que a Educação Ambiental deveria ser abordada na formação inicial de estudantes e professores?) em uma Unidade de Contexto (UC) e Unidades de Registro (UR) decorrentes da UC estabelecidas *a priori*. A UC, denominada de *Macrotendências da EA*, agrupa três UR: UR1. Conservacionista; UR2. Pragmática; UR3. Crítica. As unidades, após unitarizadas, foram discutidas à luz do referencial teórico que norteia o trabalho. Os participantes trabalham, atualmente, como professores da Educação Básica de Rede Pública, Rede Privada e Ensino Superior. A fim de preservar a identidade dos participantes, atribuímos-lhes a letra P seguida de um número (Ex. P1, P2, P3).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor apresentação dos resultados, construímos um quadro com a UC, URs e um exemplo de registro. Optamos por trazer apenas um registro representativo por conta da limitação do texto. Apresentamos, abaixo, o quadro, e, posteriormente, a discussão:

Quadro 2 - Unidade de Contexto, Unidades de Registro e registros.

UC1. Macrotendências da Educação Ambiental	
UR1. Conservacionista	3 registros
	<i>P4. Como meio de sobrevivência.</i>
UR2. Pragmática	5 registros
	<i>P11. Falar sobre educação ambiental é extremamente necessário, pois é uma área do ensino voltada para a conscientização dos indivíduos sobre os problemas ambientais e como ajudar a combatê-los, conservando as reservas naturais e não poluindo o meio ambiente.</i>
UR3. Crítica	4 registros
	<i>P3. Antes do adjetivo “ambiental”, educação. Portanto, socialização. Um meio, processo e uma prática fundamentada de forma teórica e prática através da qual coletividades constroem princípios, valores, habilidades e fundamentos para compreender, criar consciência e transformar a realidade ambiental rumo a um modo de vida na e com o ambiente efetivamente sustentável. Enfatizar a questão da coletividade é importante pois em algumas definições aparece “indivíduos e coletividades”, porém é importante destacar eu cada indivíduo pode criar uma consciência individual, mas a transformação passa pelo fortalecimento do coletivo.</i>

Fonte: autoria própria (2023).

Identificamos, após a análise, que as concepções de EA apresentam uma convergência na direção da Macrotendência Pragmática. Na UR1, tivemos três excertos que indicam uma prevalência de uma concepção naturalista de EA, ao afirmarem que a EA é um modo de sobrevivência em nosso planeta. Considerando a diversidade da formação dos participantes, entendemos que as concepções de EA ultrapassam as barreiras disciplinares, entretanto, de forma generalizada e bastante articulada ao modo de produção vigente, conservando a visão naturalista da questão. Esse problema decorre da origem dessa concepção, que é

[...] mais ingênua e enviesada de grupos mais ligados às ciências naturais que entendem a crise ambiental e a EA dessa maneira, ora porque não têm uma reflexão sociológica da questão ambiental ora porque entendem que politicamente é melhor não misturar ecologia e política (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 32).

Conforme Layrargues e Lima (2014) afirmam, as primeiras impressões da EA em nossa sociedade faziam alusão aos aspectos ambientais e não aos aspectos educacionais, dessa forma, os problemas ambientais eram entendidos como consequência da modernização da sociedade e, assim sendo, poderiam ser

solucionados de forma rápida por difusão de informações e pela utilização dos produtos do desenvolvimento tecnológico.

Acompanhando a tendência conservadora da ideologia liberal e neoliberal, continuamos a vivenciar essa realidade, visto que esse tipo de discurso, embora idealista, ainda é hegemônico, afirmando que os problemas ambientais podem ser solucionados por ações individualistas e que somente o desenvolvimento científico-tecnológico é a salvação da humanidade. Entretanto, as ações antrópicas contra a natureza continuam em um ritmo desenfreado (REIGOTA, 2009). Essa carência de entendimento do verdadeiro sentido da EA se reflete também na formação docente, já que muitas vezes a EA é trabalhada nas instituições formadoras somente por meio de conteúdos e informações que tratam a natureza e o mundo humano como independentes entre si (CARVALHO, 2012).

A afirmação de que a EA é, frequentemente, trabalhada de forma equivocada nas instituições de ensino, se aproxima da resposta de P4, que quando questionado sobre como a EA foi trabalhada durante sua formação, respondeu: *por comemorar o dia da árvore, água e meio ambiente*. Ou seja, a EA estava presente em forma de comemorações esporádicas. Entretanto, a experiência no programa de Pós-Graduação operou uma transformação na concepção de P4, que sugere que a EA seja trabalhada de forma crítica. Essa mudança pode estar relacionada à sua inserção em diferentes contextos sociais durante seu processo formativo e profissional, uma vez que as concepções de mundo dos sujeitos são psicossociais, isto é, nascem de um processo dialético advindo das relações históricas e sociais construídas, reconstruídas e apropriadas pelos sujeitos sociais (VYGOTSKY, 1991).

Destacamos que P4 não possui formação específica na área de Ciências, mas sim em Pedagogia, e quando questionado sobre a importância da articulação dos conteúdos específicos da disciplina em que ministra suas aulas com a EA, P4 responde é necessária, para que as crianças vivam melhor em seu meio social. Não é tarefa simples para os docentes compreenderem a EA como um campo de múltiplas interações da sociedade, portanto, consideramos um avanço formativo na vida de P4.

Alguns docentes procuraram aprimorar seus conceitos relacionados à EA, mas acabaram caindo nas tendências Conservacionista e Pragmática, como é o caso de P11, que afirma: *falar sobre a EA é extremamente necessário, pois é uma área de ensino voltada para a conscientização dos indivíduos sobre os problemas ambientais e como ajudar a combatê-los, conservando as reservas naturais e não poluindo o meio ambiente*. A afirmação é, em sua essência, conservadora, trazendo elementos conservacionistas e pragmáticos, o que é coerente, já que ambas tendências possuem a mesma linhagem teórica,

[...] que se atualizou em função das transformações do mundo contemporâneo, como a globalização multidimensional, a revolução tecnológica, o recuo da ação reguladora do estado e o avanço de ideologias e políticas pragmáticas identificadas com a lógica do mercado e com o neoliberalismo (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 31).

Desse modo, a resposta de P11 faz alusão ao individualismo para a preservação do ambiente, prevalecendo a lógica ecologista sobre os demais aspectos ambientais. Nessa direção, Layrargues e Lima (2014, p. 31) afirmam que

tendências conservadoras “apelam ao bom senso dos indivíduos para que sacrifiquem um pouco do seu padrão de conforto e convoca a responsabilidade das empresas para que renunciem a uma fração de seus benefícios em nome da governança geral”.

De fato, precisamos de mudanças comportamentais, mas não podemos nos limitar a isso. O discurso conservador deixa de lado premissas humanas importantes e que deveriam fazer parte do enredo da EA, tais como valores, cultura, crenças, política e economia (SATO, 2004).

Quando questionado de que maneira a EA deveria ocorrer na formação inicial, P11 respondeu que *através de projetos que promovam a conscientização dos estudantes na preservação e valorização dos recursos naturais*. A macrotendência Pragmática continua em evidência, pois retoma a ideia de preservação e conscientização dos indivíduos em relação à natureza, não mencionando as problemáticas político-econômicas.

Analisando a fala de P2, percebemos uma aproximação à Macrotendência Pragmática, pois ressalta que se a EA for crítica, ela poderá possibilitar ao indivíduo uma reflexão referente a suas práticas no meio social capitalista. De fato, articula elementos que uma tendência crítica requer, entretanto, ainda foca no indivíduo, e não na questão coletiva. P3, quando indagado sobre como compreende a EA, responde que *antes do adjetivo ambiental, educação. Portanto, socialização. Um meio, processo e uma prática fundamentada de forma teórica e prática através da qual coletividades constroem princípios, valores, habilidades e fundamentos para compreender, criar consciência e transformar a realidade ambiental rumo a um modo de vida na e com o ambiente efetivamente sustentável [...]*. Identificamos, aqui, uma concepção crítica.

A fala de P3 evidencia a importância de múltiplas questões a serem trabalhadas junto à EA, não limitando a Educação Ambiental ao naturalismo, ecologismo e funcionalismo, mas como uma corrente de pensamento necessária por apontar para a revolução (GUIMARÃES, 2000). Essa Macrotendência exige um tipo de cooperação entre os próprios educadores e outros sujeitos culturais que estejam engajados nas lutas de classes em seus diversos âmbitos, criando, dessa forma, espaços de aprendizagem que ultrapassem os limites fragmentários do neoliberalismo presentes na escola contemporânea.

Há um forte viés sociológico e político na Macrotendência Crítica, e, em decorrência dessa perspectiva, conceitos como cidadania, justiça ambiental e revolução social, são introduzidos no debate ambiental. Nesse sentido, essa Macrotendência possui potencial para “ressignificar falsas dualidades que o paradigma cartesiano inseriu nas relações entre indivíduo e sociedade, sujeito e objeto do conhecimento, saber e poder, natureza e cultura, ética e técnica, entre outras dualidades” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 33).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou analisar as concepções de EA de estudantes de um programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental de uma Universidade Federal em Minas Gerais. Após análise, percebemos que concepções conservadoras ainda são hegemônicas nas compreensões dos participantes, embora seja visível um processo em andamento de busca por elementos que

superem o ecologismo, funcionalismo e naturalismo. Essas buscas ainda se pautam no paradigma individualista, o que reforça o conservadorismo quando se debate a questão ambiental, contudo, vislumbramos transformações substanciais em um futuro próximo.

Destacamos que a EA pode ser uma dimensão importante do processo revolucionário almejado por aqueles que se sabem oprimidos e reclamam uma pedagogia própria, bem como um mundo próprio. Para isso, consideramos importante a inserção crítica no processo formativo, tanto na formação de professores como na educação básica. Compreendemos, também, que este é um processo histórico geracional, por isso precisamos de bases sólidas não apenas para negar o capitalismo em sua essência, mas superá-lo.

Conceptions of Environmental Education among Students of a Postgraduate Program: an analysis from de political-pedagogical macro trends

ABSTRACT

This research investigated the understandings of Environmental Education of a group of students from a Graduate Program in Science and Environmental Education from a Federal University of Minas Gerais, in an approach to the Macro trends of Environmental Education. The participants answered a virtual questionnaire involving four questions about the conceptions of Environmental Education. In all, we obtained the answers from 12 participants. From a content analysis we identified that the participants have a very heterogeneous initial formation. Despite the different areas of training, all participants stressed the importance of the insertion of Environmental Education in their training processes, highlighting that the understandings of Environmental Education began during the initial training, in the master's course itself and in the teaching performance of some of the research participants. After the analysis, we realize that the conservative conceptions are still hegemonic, although it is visible an ongoing process of search for elements that overcome the ecologism, functionalism and naturalism. These searches are still based on the individualistic paradigm, which reinforces conservatism when discussing the environmental issue; however, we foresee substantial transformations in the near future. For this, we consider important the critical insertion of Environmental Education in the educational process, both in teacher training and in basic education.

KEYWORDS: Understandings. Environmental Education. Environment. Formation.

AGRADECIMENTOS

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CARVALHO, I. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

FOUSSALUZA, A. S. *et al.* As ações educativas ambientais das Organizações Não-Governamentais ambientalistas no estado de São Paulo, Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 16, n. 1, p. 69-93, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/download/15017/12125/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental: No consenso um embate?**. Campinas: Papirus, 2000.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LAYRARGUES, P. P. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. As macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 23-38, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/?f>. Acesso em: 15 jan. 2023.

LOUREIRO, C. F. B.; SILVA NETO, J. G. Indivíduo social e formação humana: fundamentos ontológicos de uma educação ambiental crítica. **Ambiente & Educação**, v. 21, n. 1, p. 41-58, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/6089>. Acesso em: 16 jan. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MIGUEL, L. P. Despolitização e antipolítica: a extrema-direita na crise da democracia. **Argumentum**, v. 13, n. 2, p. 8-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/36261>. Acesso em: 15 jan. 2023.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: RiMa, 2004.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores associados, 2018.

TRISTÃO, M. **A Educação Ambiental na formação de Professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido: abril 2023.

Aprovado: abril 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v7n1.16767>.

Como citar:

ROSA, M. M. S.; MACIEL, E. A.; ANDRADE, M. A. B. S. Concepções de Educação Ambiental de discentes de um programa de pós-graduação: uma análise a partir das macro-tendências político-pedagógicas. **Ens. Technol. R.**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 87-97, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/16767>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Marllon Moreti de Souza Rosa

Universidade Estadual de Londrina, Secretaria de Pós-Graduação do CCE, Rodovia Celso Garcia Cid, Pr 445 Km 380, Campus Universitário, Londrina, Paraná, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

